

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

A construção discursiva do negacionismo climático no Telegram

Alana Maria Passos Barreto, Ana Flávia Pires Leal, Marco Aurélio Dias de Souza

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.13037>

Submetido em: 2025-09-02

Postado em: 2025-10-16 (versão 2)

(AAAA-MM-DD)

Justificativa da versão: Atualização do conteúdo.

A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO NEGACIONISMO CLIMÁTICO NO *TELEGRAM*

ALANA MARIA PASSOS BARRETO

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1395-8475>

alanapassosbarreto@gmail.com

Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, SE, Brasil

ANA FLÁVIA PIRES LEAL

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-8064-840X>

anaflavialeal167@gmail.com

Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, SE, Brasil

MARCO AURÉLIO DIAS DE SOUZA

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4201-1600>

dias_dias_@hotmail.com

Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, SE, Brasil

RESUMO: Apesar do consenso científico sobre as mudanças climáticas, a negação climática ainda é generalizada. Isso porque, a instrumentalização da ignorância em plataformas digitais assumem um papel decisivo. Em razão disso, este artigo analisa a construção discursiva do negacionismo climático em grupos brasileiros no *Telegram*. A pesquisa aborda como o uso estratégico do desconhecimento e as campanhas de desinformação climática, orquestradas por diversos atores, se manifestam nesse ecossistema digital. Metodologicamente, foi realizada uma etnografia virtual para capturar como os temas de mudanças climáticas são articulados para formar sentidos e identidades negacionistas, junto ao método articulatório-discurso de Laclau e Mouffe (2015) para identificar o ponto nodal da formação discursiva. Observa-se que a partir de 2022 ocorreu um aumento exponencial no compartilhamento de discursos negacionistas nesses grupos. Esses discursos são construídos por meio de práticas articulatórias que criam sentidos e identidades provisórias, frequentemente se apropriando de lacunas entre promessa e realidade para preenchê-las com narrativas conspiratórias.

Palavras-chave: desinformação, discurso, mudanças climáticas, negacionismo climático, *Telegram*.

THE DISCURSIVE CONSTRUCTION OF CLIMATE DENIALISM ON *TELEGRAM*

ABSTRACT: Despite the scientific consensus on climate change, climate denial remains widespread. This is because the instrumentalization of ignorance on digital platforms plays a decisive role. Therefore, this article analyzes the discursive construction of climate denialism in Brazilian Telegram groups. The research addresses how the strategic use of ignorance and climate disinformation campaigns, orchestrated by various actors, manifest themselves in this digital ecosystem. Methodologically, a virtual ethnography was conducted to capture how climate change themes are articulated to form denialist meanings and identities, using Laclau and Mouffe's (2015) articulatory-discourse method to identify the nodal point of discursive formation. It is observed that, starting in 2022, there was an exponential increase in the sharing of denialist discourses in these groups. These

discourses are constructed through articulatory practices that create provisional meanings and identities, often appropriating gaps between promise and reality to fill them with conspiratorial narratives.

Keywords: disinformation, discourse, climate change, climate denial, *Telegram*.

INTRODUÇÃO

Embora grande parte dos estudos sobre negacionismo climático se concentre nos contextos europeu e norte-americano, pesquisas recentes revelam uma dinâmica distinta nos países do Sul Global. Nessas regiões, as táticas negacionistas são impulsionadas por campanhas políticas financiadas por redes de corporações internacionais e outros grupos estrangeiros. O objetivo desses atores é impedir ativamente as iniciativas de combate às mudanças climáticas, influenciando o debate público principalmente através das redes sociais digitais (Edwards *et al.*, 2023).

Por sua vez, a instrumentalização da ignorância¹ na promoção de manifestações de seus eixos comunicacional e epistemológico, com destaque para os negacionismos passíveis de manipulação ideológica devido ao capital simbólico e econômico, como monetizações de canais em plataformas de streaming, assumem um papel decisivo. No ecossistema das plataformas digitais, campanhas desinformativas articuladas com técnicas de propaganda computacional são orquestradas por diferentes atores, como empresas, partidos, associações, instituições de estado (Bradshaw; Howard, 2018).

Assim, o *Telegram* se consolidou como um ecossistema central que unifica atores, movimentos e ideologias conspiratórias e negacionistas, incluindo mídia alternativa. Nessas subcomunidades, prevalece um discurso populista de direita, que antagoniza “o povo” contra uma suposta elite corrupta. Sendo assim, narrativas negacionistas se fundem ao discurso populista, sendo disseminadas por uma teia de canais – desde portais de informação geral até grupos de bate-papo focados em ativismo. Além disso, frequentemente esses canais direcionam os usuários para links externos que reforçam as mesmas ideologias e conspirações.

¹ Refere-se ao uso político e cultural deliberado da ignorância para obter vantagem ideológica ou econômica. Essa ignorância pode ser cultivada e manipulada por detentores de poder político ou econômico. Esta estratégia visa conquistar apoio popular, manipular a opinião pública e é usada para neutralizar o pensamento crítico, substituindo argumentos racionais por emoções manipuladas.

Diante disso, a pergunta que norteia este estudo é: como se constrói discursivamente o negacionismo climático em grupos negacionistas brasileiros no *Telegram*? A construção discursiva do negacionismo climático em grupos brasileiros de *Telegram* ocorre através de práticas que articulam diferentes temas sobre as mudanças climáticas para criar sentidos e identidades negacionistas. Essa identidade negacionista pode ser entendida à luz do conceito de negacionismo científico e epistemológico, onde os indivíduos ou grupos apresentam uma postura psicossocial caracterizada pela recusa em reconhecer fatos ou evidências científicas, muitas vezes para proteger uma identidade política ou ideológica (Gomes; Zamora, 2024).

Assim, o negacionismo atua como mecanismo de defesa que torna as justificativas ideológicas imunes a evidências contrárias com rejeição de consensos científicos e adoção de teorias conspiratórias. Dessa forma, a identidade negacionista se relaciona a uma posição consciente ou inconsciente de negação mantendo e reforçando um sistema de crenças que se contrapõe à evidência factual (Gomes; Zamora, 2024). Esses discursos se apropriam de lacunas entre promessas e a realidade, preenchendo-as com narrativas conspiratórias e se intensificaram a partir de 2022.

1 DESINFORMAÇÃO E NEGACIONISMO CLIMÁTICO

Apesar do consenso científico sobre as mudanças climáticas refletido pelo *Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC)* (Masson-Delmotte *et al.*, 2021), a negação da ciência climática ainda é generalizada. O ceticismo climático surge como um contra-movimento anti-reflexivo para apoiar as ameaças ontológicas à modernidade ocidental, organizadas através de grupos de reflexão conservadores, principalmente nos EUA e no Reino Unido.

A verdadeira ideologia e os objetivos materiais do contra-movimento são camuflados por várias táticas que confundem cidadãos imparciais, mas empoderam aqueles dispostos a negar as mudanças climáticas. Embora a maioria dos negacionistas climáticos não tenha conhecimento substancial sobre o assunto, opositores bem credenciados atuam como porta-vozes em fóruns de mídia fora de periódicos revisados por pares. Assim, parece às elites políticas, e, claro, o público em geral, que existem dois “lados” igualmente legítimos e que cada um deve receber igual atenção. Os defensores da negação climática semeiam a confusão num público que muitas vezes desconhece os elementos centrais da a ciência climática tem muito mais verificação, testemunhas de boa-fé, corroboração e mérito.

“O negacionismo científico seria o produto de circunstâncias em que fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que apelos à emoção e à crença pessoal” (Miguel, 2022, p. 295-296). Embora não explicitamente declarado pelos negacionistas, a própria negação climática implica que se as mudanças climáticas *fossem* – são – uma ameaça real, a comunidade internacional deveria agir de forma decisiva. Essa negação decorre justamente porque a ciência das mudanças climáticas fornece uma crítica iminente ao poder industrial, à modernidade ocidental e aos ideais de progresso ocidental, tal como o estudo da ecologia foi inicialmente visto como uma “subversão” forçada porque, se fosse levada a sério, desafiaria o funcionamento central da sociedade “moderna”.

Vale ressaltar que se trata de uma estratégia central do movimento neoliberal para minar a confiança pública em instituições que servem como guardiãs da informação e do debate baseado em evidências, como a ciência, o jornalismo profissional e os serviços públicos (Bennett; Livingston, 2020). Ao desacreditar essas fontes, cria-se um vácuo epistemológico que é preenchido por narrativas de desinformação. A desconfiança no governo e na imprensa abre espaço para a aceitação de “fatos alternativos” que apelam para as emoções e sentimentos de marginalização dos cidadãos.

Nesse sentido, a desinformação não é um subproduto acidental, mas uma característica central da estratégia neoliberal para remodelar a sociedade de acordo com seus princípios, superando a resistência democrática a políticas impopulares através da manipulação da opinião pública e da erosão das instituições que sustentam um debate público informado (Bennett; Livingston, 2020).

Além disso, a própria arquitetura das plataformas digitais (Krafft; Donovan, 2020), a curadoria dos algoritmos de recomendação e filtros de busca (Pariser, 2012) atuam como corresponsáveis por promover uma superabundância de informações, na qual diferentes atores com ou sem especialização científica disputam espaço na difusão de narrativas sobre ciência (Oliveira, 2020). Apesar dos recentes esforços legislativos e corporativos para mitigar a desinformação nas plataformas digitais (Internet Matters, 2020; European Commission, 2021), especialistas questionam as reais motivações e a eficácia de várias das mudanças adotadas (Rogers, 2020; Meyer; Alaphilippe; Pershan, 2021).

Os estudos sobre negacionismo ainda se concentram no norte global e, por natureza, trabalham com tipos de evidência diversos (Hornsey *et al.*, 2016; Ceyhan; Saribas, 2021). Certos alertas nesse sentido argumentam que as práticas negacionistas seguem em franco crescimento e se apresentam das mais diferentes formas em cada contexto comunicacional e sociocultural pelo mundo, sobretudo após o advento da internet e, mais recentemente, das mídias sociais em rede (Capstick *et al.*,

2015; Ceyhan; Saribas, 2021). É importante ressaltar que o negacionismo climático é mais uma face da desinformação que se espalha por um tipo de contágio, como uma série de forças dinâmicas e multilaterais: o contágio social, estudado pela teoria das redes (Watts, 2004).

Anteriormente, a maioria dos negadores do clima sustentava a crença de que o colapso climático não estava acontecendo ou, se estivesse, que as ações humanas não seriam sua causa. Agora, o *Center for Countering Digital Hate* (CCDH, 2024) descobriu que a maioria dos vídeos de negação do clima no *YouTube* sugere a ideia de que as soluções climáticas não funcionam, a ciência do clima e o movimento climático não são confiáveis, ou que os efeitos do aquecimento global são benéficos ou inofensivos.

O CCDH (2024) mostrou que conteúdos sobre negacionismo climático podem ter grande influência sobre quem usa as redes sociais. Isso porque 43% dos adultos norte-americanos que gastavam muito tempo na internet disseram na época que concordavam com a afirmação de que “os seres humanos não são a principal causa do aumento das temperaturas” e o percentual foi ainda maior para adolescentes, sendo 56%. A instrumentalização da ignorância na promoção de manifestações de seus eixos comunicacional e epistemológico, com destaque para os negacionismos passíveis de manipulação ideológica devido ao capital simbólico e econômico, como monetizações de canais em plataformas de streaming, assumem um papel decisivo.

No ecossistema das plataformas digitais, campanhas desinformativas articuladas com técnicas de propaganda computacional são orquestradas por diferentes atores, como empresas, partidos, associações, instituições de estado (Bradshaw; Howard, 2018). Essas campanhas incluem estratégias multiplataforma que exploram aspectos específicos de cada meio, como a influência do *X* no agendamento da imprensa (Broersma; Graham, 2013); a micro segmentação de anúncios na *Meta*; o financiamento por vias diversas como doações, mídia programática e clubes de membros e assinantes no *YouTube* (Avaaz, 2020) e em sites de *junk news* (Starbird; Wilson, 2020); e a penetração capilarizada dos aplicativos de mensageria, como *WhatsApp* (Santini *et al.*, 2021) e *Telegram* (Rogers, 2020).

O relatório da *Climate Action Against Disinformation* (CAAD, 2024) identificou lacunas substanciais nos esforços das big techs para lidar com a desinformação climática em suas plataformas. Não se trata somente de uma questão climática, mas uma crise profunda que ameaça a saúde pública, a segurança e os próprios fundamentos da democracia. Observa-se, portanto, que a maioria das plataformas não categoriza adequadamente a desinformação climática em suas políticas de publicidade ou moderação de conteúdo (CAAD, 2024).

Como também se verifica a falta significativa de transparência e ação visível por parte de usuários e marcas que espalham repetidamente informações erradas sobre o clima, assim como não há políticas específicas para restringir a publicidade do setor de combustíveis fósseis (CAAD, 2024). O negacionismo climático está relacionado a um conjunto heterogêneo de discursos (Foucault 2013; 2015), instituições e práticas que atravessam acontecimentos marcados por disputas ambientais decisivas no Brasil, como a disputa pela regulamentação do desmatamento e pelos compromissos firmados em acordos climáticos internacionais.

Essas disputas colocam em conflito diferentes visões de mundo e suas concepções sobre a verdade. Apesar de o dispositivo do negacionismo climático não surgir no Brasil com o bolsonarismo, essa plataforma política encontrou nesse movimento novas condições de crescimento e exercício do poder. Ao refletir a respeito da trajetória dos acontecimentos que envolveram o negacionismo climático até agora, pode-se questionar se há algo novo na cosmovisão bolsonarista em relação à visão de mundo apresentada até então.

Vários métodos e atores disseminam a negação climática, incluindo a mídia de direita, políticos, organizações religiosas, a indústria de interesses instalados, bem como o público em geral (Björnberg *et al.*, 2017; Lewandowsky, 2021). Assim, Oreskes e Conway (2010) explicam que as pessoas estão confusas sobre a ciência climática porque foram deliberadamente enganadas. Várias publicações fornecem evidências da ampla disseminação de desinformação por meio, por exemplo, de *think tanks* usando falsos especialistas para exagerar os custos de mitigação, posteriormente referenciados por políticos (Franta, 2022), alternativas falsas aos órgãos de consenso científico (Medimorec; Pennycook, 2015; Taylor-Neu, 2020) e ataques a movimentos sociais na Europa (Moreno *et al.*, 2022). Outros estudos exploram a desinformação nas mídias sociais, por exemplo, por meio de *bots* do X – antigo *Twitter* (Marlow *et al.*, 2021).

2 METODOLOGIA DE ANÁLISE

Metodologicamente, busca-se captar com as mudanças climáticas e temas correlatos são articulados para formar sentidos e identidades dentro do campo discursivo do negacionismo climático. Assim, adotou-se a combinação de etnografia virtual com a teoria do discurso de Laclau e Mouffe para investigar a dinâmica dos grupos negacionistas, o que permite identificar os pontos nodais e os significantes que estruturam o discurso, revelando como identidades e sentidos são forjados para sustentar a visão de mundo negacionista nesse ambiente digital.

Os grupos e canais abertos foram selecionados manualmente por meio da busca por palavras-chave específicas, tais como “verdade”, “mentira”, “revelação”, “desvelamento”, “oculto”, “global”, “secreto” e “ordem”. A partir da ampla gama de resultados, o recorte foi feito para escolher oito grupos e canais que apresentassem elevado número de participantes e intensa atividade diária de interação e compartilhamento de postagens. Essa seleção busca garantir maior representatividade e dinamismo no corpus analisado, facilitando a observação de práticas sociais e discursos emergentes nesses ambientes digitais. O procedimento seguiu princípios da etnografia virtual, com imersão no contexto digital e atenção às dinâmicas comunicativas específicas dessas comunidades.

A filtragem inicial dos grupos e canais abertos foi realizada ao longo do ano de 2024, em um processo cuidadoso e continuado. Durante esse período, os espaços digitais foram monitorados para observar a atividade, os padrões de interação e o engajamento dos participantes. Essa abordagem permitiu a identificação de grupos/canais com maior dinamismo e relevância para o objeto de estudo, assegurando uma amostra representativa em termos de participação e frequência de compartilhamento de postagens. Essa seleção temporal também contribuiu para captar as dinâmicas sociais e discursivas em diferentes momentos ao longo do ano, fortalecendo a análise etnográfica virtual por meio de observação prolongada e sistemática.

Nesse sentido, realizou-se uma etnografia virtual por meio de filtragem, contextualização e aprofundamento, adotando o comportamento de *lurker*, ou seja, de um observador passivo. Construiu-se o corpus de análise definido com base nos seguintes critérios: (i) perfis de grupos ou perfis individuais no *Telegram* que abordem o tema da negação às mudanças climáticas e termos derivados); (ii) os grupos pesquisados devem ser brasileiros, mesmo que os assuntos abordados sejam de âmbito mundial. Dessa forma, através do método articulatório-discurso de Laclau e Mouffe (2015), a pesquisa se propõe a identificar o ponto nodal da formação discursiva, que assume uma característica fundamental na construção do discurso.

Isso porque, Ernesto Laclau apresenta uma teoria do discurso que enfatiza a deslocação dos sujeitos em sua produção, tratando o discurso como uma ontologia do social, marcada pelo antagonismo e pela contingência das identidades. Para Laclau (2011) o discurso é um complexo de elementos dados a partir de um conjunto de relações e isso é melhor entendido pelas possibilidades de polissemia dos significantes.

Foram analisadas 437 mensagens de oito canais e grupos públicos negacionistas no *Telegram*. Para encontrar os canais e grupos foram utilizadas palavras-chave relativas à ideia de “verdades

desmascaradas”. Desde 2020, os grupos/canais passaram a compartilhar negacionismos climáticos, com um aumento exponencial a partir de 2022.

Os discursos negacionistas são construídas por meio de práticas articulatórias que produzem sentidos, identidades e hegemonias provisórias, enfatizando a contingência, a instabilidade e o caráter aberto do social. Observa-se uma apropriação do *gap* – da lacuna – que existe entre promessa e realidade, sendo, portanto, preenchida pela proliferação de enquadres conspiratórios sobre inimigos e roteiros ocultos que “explicam” a perenidade da crise e a incapacidade dos empreendedores políticos de fazerem cumprir as profecias de libertação e redenção (Cesarino, 2024).

3 GRUPOS CONSPIRATÓRIOS EM PLATAFORMAS MARGINAIS

Após a pandemia da COVID-19 e da ascensão de governos extremistas no mundo, houve uma pressão pública para combater a disseminação de conteúdo extremista. Nesse sentido, as gigantes da mídia social demonstraram em um primeiro momento – antes da compra do *Twitter* por Elon Musk e das eleições estadunidenses de 2024 – a preocupação em remover publicações e contas ligadas a esses grupos.

Essa repressão, no entanto, não eliminou o problema, mas o deslocou para meios menos visíveis da internet, como o *Telegram* emergindo como um refúgio para a comunicação e organização de atores de extrema-direita e teóricos da conspiração. O *Telegram* supostamente não serviu apenas como uma plataforma para organizar protestos (Holzer, 2021), mas se tornou um facilitador da dinâmica de radicalização e da disseminação de narrativas de conspiração (Garry *et al.*, 2021; Hohlfeld *et al.*, 2021).

O ano de 2020 marcou um ponto de virada, com o *Telegram* se consolidando como o epicentro do discurso público mundial sobre narrativas de conspiração relacionadas à pandemia. A plataforma de mensagens instantâneas tornou-se um terreno fértil para a disseminação de desinformação, o florescimento de movimentos de extrema-direita e a organização de grupos de protesto (Schulze *et al.*, 2022).

Com seus recursos de canais de transmissão para um grande número de usuários e *chats* em grupo criptografados, o aplicativo oferece a infraestrutura ideal para que esses grupos se reorganizem, recrutem novos membros e disseminem sua propaganda sem as amarras das políticas de conteúdo das plataformas convencionais. Essa migração, embora reduza a visibilidade imediata para o público em

geral, cria ecossistemas ideológicos mais coesos e potencialmente mais radicais, apresentando novos desafios para pesquisadores, legisladores e a sociedade civil que buscam compreender e mitigar o impacto do extremismo online (Schulze *et al.*, 2022).

Em 2020, o aplicativo de mensagens instantâneas *Telegram* tornou-se objeto de debate público e preocupação no contexto das narrativas conspiratórias relacionadas à COVID-19 e dos movimentos de extrema direita mundial. Houve um debate aberto sobre as estruturas de oportunidade do *Telegram* para a radicalização e a comunicação extremista em relação ao crescente “ceticismo em relação à COVID” (Schulze *et al.*, 2022). As narrativas conspiratórias sobre vacinas, *lockdowns* e a suposta “Nova Ordem Mundial” fundiram-se perfeitamente com as ideologias de extrema-direita preexistentes, que já desconfiavam de governos, da ciência e da grande mídia.

Dessa forma, o *Telegram* se apresenta como uma plataforma marginal – por ser a origem de alguns movimentos conspiratórios (Van Dijck *et al.*, 2021) – para comunicação aberta, sem censura e anônima, e raramente apaga conteúdo extremista. Visto que, sua política oficial é intervir minimamente, limitando-se geralmente a remover conteúdo ilegal como pornografia infantil e apelos diretos à violência. Essa abordagem “sem censura” é um convite aberto para indivíduos e grupos que foram banidos de plataformas mais rigorosas como *Facebook*, *Twitter* e *YouTube*. Além disso, o aplicativo permite aos usuários ocultarem seu número, usando apenas um nome de usuário.

4 A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA NO TELEGRAM

Na perspectiva de Laclau e Mouffe (2015), o conceito de discurso transcende a mera comunicação, sendo entendido como uma prática articulatória que estrutura e confere sentido às relações sociais. Mendonça (2012, p. 168) complementa que:

O discurso é efeito, ou resultado, de uma prática articulatória. A articulação é um jogo de diferenças, no sentido de que as mesmas constituem e são constituídas pela prática articulatória. Não há, segundo a teoria do discurso, uma essência pré-constitutiva nas relações sociais; é a própria prática discursiva que estabelece as características e os limites identitários.

Assim, a Teoria do Discurso elaborada pelos autores possui uma base foucaultiana, uma vez que parte da crítica ao sujeito autoconsciente desconectado das relações sociais e mostra que diferentes forças se combinam – em um campo além da vontade individual – para produzir diferentes tipos de subjetividades e subjugações. Dessa forma, as práticas discursivas são explicadas por meios, técnicas e objetivos, exercidos de acordo com cada momento histórico e pela maneira como o poder é

distribuído, ordenado e enunciado – conforme o regime de verdade que racionaliza o que é determinado aos sujeitos (Foucault, 2020).

Foucault (2012) propõe uma análise das condições de emergência dessas práticas e utiliza o discurso como critério de análise. Determinados enunciados são considerados verdadeiros em um momento histórico, outros não – e é isso que norteia seu momento arqueológico. Nesse sentido, Foucault assume o princípio do caráter significante das práticas sociais, mas com ênfase especial nas regras que foram seguidas para que certas coisas fizessem sentido e outras não (Heredia, 2016).

Essas regras não são naturais nem seguem uma lógica pré-determinada, mas são a consolidação de relações de poder que se estabeleceram em um dado momento histórico por meio de uma legitimidade concedida pelo conhecimento de diversas disciplinas consideradas enquanto a “expressão da verdade”. Trata-se, então, de analisar as formações discursivas que constituíram certos tipos de sujeitos em sua relação com o poder e o saber, e certas formas de construção da subjetividade (Heredia, 2016). O discurso contém a aceitação da verdade produzida por um tipo de saber, mas, ao mesmo tempo, o estabelecimento de algumas forças sobre outras – ou seja, o discurso articula o linguístico e o extralinguístico em torno de significados que são construídos social e historicamente.

Através dessa *articulação*, buscam-se estabelecer *pontos nodais* – são conceitos-chave que estabelecem temporariamente os significados dentro de uma determinada estrutura. Dessa forma, toda produção de sentido é inerentemente discursiva. Isso significa que o discurso não é um reflexo do social, mas a própria prática que o constitui. Assim, eles definem o discurso como a articulação indissociável entre palavras e ações que, juntas, criam totalidades significativas.

Ao invés de ver a linguagem como uma mera ferramenta para descrever uma realidade social já existente, Laclau propõe uma abordagem diferente. Ele argumenta que o discurso não apenas reflete o social, mas o constitui. Para Laclau (2011), é no campo do discurso que os objetos adquirem significado e nossas práticas sociais se tornam possíveis. Esse processo ocorre por meio da “prática articulatória”, onde, para criar um sentido compartilhado, o fluxo constante de diferenças é contido, fazendo prevalecer uma lógica que torna diferentes elementos equivalentes dentro de um mesmo sistema de significados.

Para analisar as articulações entre as demandas dispersas no campo da discursividade, sem desconsiderar as particularidades inerentes a cada elemento, Laclau e Mouffe (2015) destacam o conceito de lógica da equivalência:


Os atores sociais ocupam posições diferenciais nos discursos que constituem o tecido social. Neste sentido, eles são todos, estritamente falando, particularidades. Por outro lado, há antagonismos sociais criando fronteiras internas na sociedade. Frente a forças opressoras, por exemplo, um conjunto de particularidades estabelece relações de equivalência entre si (Laclau; Mouffe, 2015, p. 40).

A lógica da equivalência ajuda a entender como grupos políticos diversos conseguem se unir e criar um sentido comum. Isso porque a aliança costuma surgir de uma frustração compartilhada, uma vez que nota-se que suas demandas específicas são ignoradas pelo sistema e a identifica-se um adversário em comum que os ameaça. Para que essa frente unida funcione, cada grupo concorda em minimizar temporariamente suas próprias pautas, permitindo que a solidariedade e o objetivo comum prevaleçam sobre as diferenças individuais. No entanto, essa união não apaga as identidades originais. Pelo contrário, é justamente da tensão produtiva entre as necessidades particulares de cada grupo e a causa que os une que um novo e poderoso discurso político é forjado.

[...] chamaremos de articulação qualquer prática que estabeleça uma relação entre elementos de tal modo que a sua identidade seja modificada como um resultado da prática articulatória. A totalidade estruturada resultante dessa prática articulatória, chamaremos de discurso. As posições diferenciais, na medida em que apareçam articuladas no interior de um discurso, chamaremos de momentos. Por contraste, chamaremos de elemento toda diferença não discursivamente articulada (Laclau; Mouffe, 2015, p. 178).

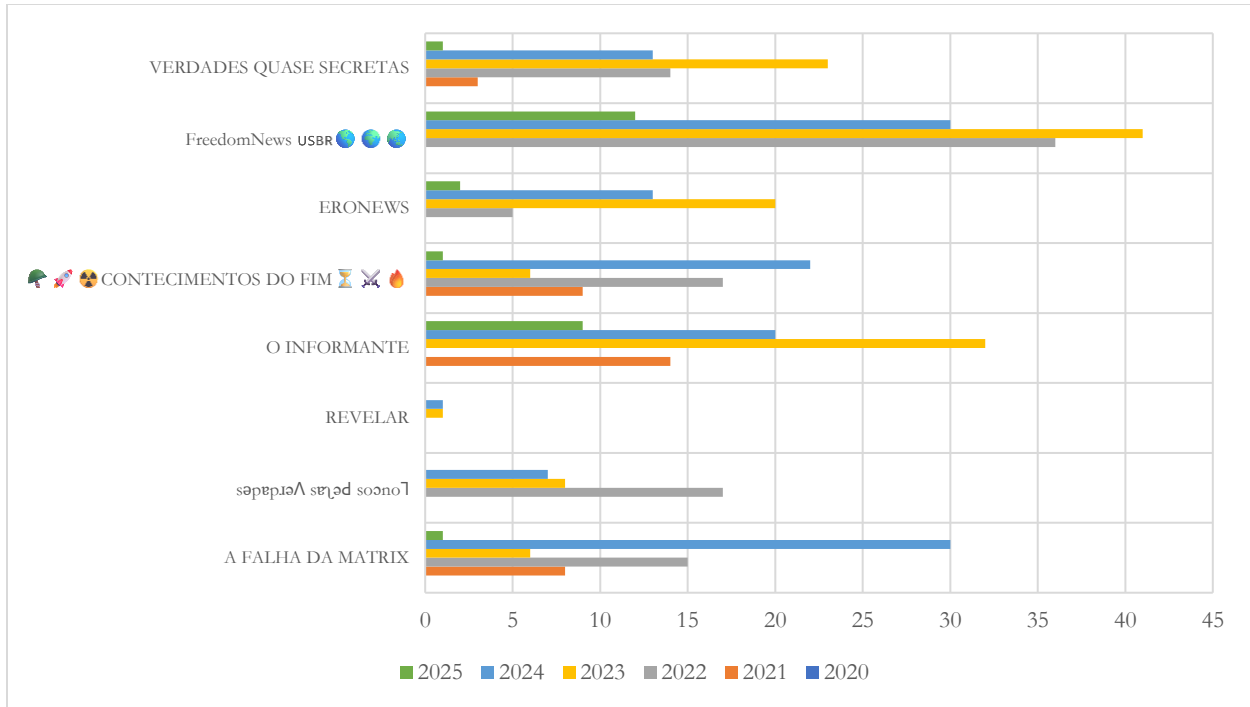
Por sua vez, o sujeito deve ser entendido como uma posição dentro da estrutura que adquire uma identidade mutável a partir das relações que estabelece com os significados. Eles não podem ser a origem das relações sociais, nem mesmo no sentido limitado de serem dotados de faculdades que tornam uma experiência possível, pois toda experiência depende de condições discursivas precisas de possibilidade (Laclau; Mouffe, 2015). O sujeito é, na verdade, uma posição criada pelo próprio discurso, ou seja, torna-se sujeito ao criar identificação com as posições que os discursos oferecem.

Essa própria prática articulatória, que oferece posições ao sujeito, se organiza em torno de pontos nodais, que não são externos a ela, mas emergem do próprio processo de articulação. É justamente por serem elementos inerentes à prática articulatória em formação que conseguem abarcar uma gama de diferentes significados e, assim, simplificar a complexidade da diferença, permitindo a organização e a orientação do discurso propriamente dito. Quando um conteúdo da prática articulatória consegue se esvaziar para abarcar uma variedade de sentidos, ele se transforma em um significante vazio, um significante sem um significado e que, por isso mesmo, satisfaz as demandas particulares (Laclau, 2011).

Com intuito de aplicar o método articulatório-discursivo no “negacionismo climático”, foram analisados as mensagens de 2020 a 2025 em oito grupos/canais abertos variados no *Telegram*, sendo eles: “VERDADES QUASE SECRETAS”, “FreedomNews USBR ”, “ERONEWS”,

“🌿🚀☢️ CONTECIMENTOS DO FIM ⏳🔪🔥”, “O INFORMANTE”, “REVELAR - Casando overbo”, “səpəriʌ sɐlɐd soɔnoʌ” e “A FALHA DA MATRIX”.

Gráfico 1 – Grupos/canais abertos analisados do Telegram



Fonte: Elaboração própria.

De acordo com os dados do Telemetrio – uma ferramenta de análise projetada especificamente para monitorar, analisar e obter insights detalhados sobre o desempenho e o público de canais do Telegram –, os canais possuem as seguintes médias de métricas:

Tabela 1 – Métricas dos canais públicos²

CANAIS	MÉDIA DE POSTAGENS DIÁRIAS	MÉDIA DE VISUALIZAÇÕES	TAXA DE ENGAJAMENTO
FreedomNews USBR	52	3.393	10,09%
ERONEWS	3	2.108	19,81%
🌿🚀☢️ ACONTECIMENTOS DO FIM ⏳🔪🔥	36	1.233	8,07%
O INFORMANTE	75	23.223	13,84%

² Uma boa taxa de engajamento é de cerca de 15% a 50%, dependendo da categoria, tamanho do canal, anúncios e frequência das postagens.

REVELAR - Casando overbo	1	22.365	40,50%
A FALHA DA MATRIX	70	621	3,76%
сәһәрпәлә шәһәр соннол	1	1.248	23,87%

Fonte: Elaboração própria.

Vale destacar que “VERDADES QUASE SECRETAS” se trata de um grupo público, então os dados não podem ser calculados como canais públicos. Contudo, o grupo possui uma média de uma postagem por dia.

Tendo por base esses pressupostos, a análise a seguir buscará identificar os elementos que permitiram a articulação hegemônica dos discursos negacionistas climáticos em grupos do Telegram. Nesta seção, será analisado os pontos nodais e os significantes que conformaram os discursos negacionistas climáticos em grupos do *Telegram*. Cumpre destacar, no entanto, que esse procedimento analítico, que fragmenta o discurso para evidenciar sua estrutura interna, não significa que os sentidos estejam em campos semânticos distintos, pois há correlações entre eles. Na Tabela 2, observa-se a síntese desses significantes e dos pontos nodais.

Tabela 2 – Categorias discursivas

PONTOS NODAIS	SIGNIFICADO NO DISCURSO CIENTÍFICO (‘FORA’ DO DISCURSO NEGACIONISTA)	SIGNIFICANTES (RESSIGNIFICADO NO DISCURSO NEGACIONISTA)
Mudanças climáticas	Fenômeno real, complexo e perigosamente acelerado pela ação humana.	Um alarme exagerado, um pretexto para controle governamental.
Globalista	Inicialmente, termos como “ONU”, “Fórum Econômico Mundial” e “acordos climáticos” têm significados relativamente neutros ou positivos para muitas pessoas.	Usada como um termo pejorativo para evocar a ideia de que essa elite busca impor uma agenda cultural e social única, destruindo valores e tradições locais; conspiração, perda de Soberania.
Consenso científico	A expressão da esmagadora maioria das evidências e estudos revisados por pares.	Um dogma autoritário; uma conspiração para silenciar a verdade e garantir financiamentos.
Ciclos naturais	Um dos muitos fatores naturais que <i>interagem</i> com o forçamento antropogênico, mas que não explica a velocidade e magnitude atuais.	A <i>única e exclusiva</i> causa das mudanças, tornando-as normais, naturais e inevitáveis.

Fonte: Elaboração própria.

3.1 Mudanças climáticas

De acordo com os princípios da Teoria do Discurso, toda identidade política se constitui dentro de um espaço social dicotomizado. O espaço sociopolítico do “negacionismo climático” é

dividido com base na dualidade. Assim, as “mudanças climáticas” representam o "discurso oficial" que o negacionismo posiciona como seu inimigo, ou seja, são o objeto da ressignificação.

O termo é sempre acompanhado de qualificadores que marcam dúvida ou desprezo, como: “A suposta ameaça climática...”, “O que eles chamam de 'aquecimento global'...”, “REPÚDIO à FRAUDE das MUDANÇAS CLIMÁTICAS/efeito estufa/aquecimento global/camada de ozônio, isso tudo não existe é uma FARÇA”, “mas somos culpados e cobrados em nome do aquecimento global”, “A fase das ‘Mudanças Climáticas’ da agenda cabala-globalista se aproxima”. Esta tática os desloca do campo do fato científico para o campo da opinião política ou da conspiração.

3.2 Globalistas

Este discurso é um exemplo de uma gigantesca cadeia de equivalência, onde queixas e medos completamente diferentes são unificados por serem todos, supostamente, obras do mesmo ator. O conceito que une e dá sentido a toda a conspiração é a “Elite Globalista” (ou “banqueiros mundiais”, “reptilianos globalistas”, “WEF”, “Clube Bilderberg”). Este é o ponto nodal que organiza a narrativa do inimigo.

O discurso constrói identidades políticas muito claras e mutuamente exclusivas. Assim, o “eles” é um inimigo monolítico, onipresente e absolutamente mau e nos canais e grupos foram tratados como “REPTILIANOS GLOBALISTAS”, “elite dos banqueiros mundiais”, “demônios”, “psicopatas”, “satânicos”. Os termos são dirigidos a: ONU, OMS, WEF (Klaus Schwab), Bill Gates, Joe Biden, George Soros e grande mídia. E de acordo com os grupos/canais os objetivos deles são a criação de um “Governo Mundial Único”, “ditadura”, “redução populacional”, “escravizar a humanidade” e “tecototalitarismo”.

É interessante destacar que “eles” são antagônicos ao “nós” que se trata de um grupo heterogêneo que se define pela oposição ao inimigo e por ter “despertado” para a “verdade”. A identidade do sujeito é implícita e não é apenas de vítima, mas de um portador de uma verdade secreta e libertadora, o que gera um forte senso de comunidade e superioridade moral.

3.3 Consenso científico

O termo busca destruir a autoridade do discurso adversário. Atacar o “consenso” é mais eficaz do que refutar vários estudos individuais. Dessa forma, ele atua para deslegitimar o discurso inimigo.

Através da resignificação do termo “consenso”, pois ele deixa de significar “concordância esmagadora baseada em evidências” e se torna “dogma”, “censura” ou “pensamento de grupo”. Este último propõe caracterizar cientistas/pesquisadores como repetidores da mesma coisa por medo de perder financiamento ou prestígio.

Nos grupos foi possível identificar mensagens como “Pesquisas e estudos falsos nunca comprovaram nada, muitos sequer existem. A mídia, a imprensa e os telejornais são os principais meios usados para se espalhar mentiras, fraudes e estelionatos científicos.” Logo, ao atacar o “consenso científico”, o discurso constrói seu sujeito político, que é o “cético heróico” que ousa pensar por si mesmo contra as “elites globalistas”.

3.4 Ciclos naturais

Os termos “ciclos naturais” ou “variação climática natural” são usados como uma estratégia para justificar a continuação da exploração de combustíveis fósseis. Assim, é suposição de que o aquecimento global decorrente das emissões da geração atual (e das gerações passadas) poderá ser atenuado no futuro por meio da geoengenharia³ do clima. Ou seja, é possível continuar explorando porque, com os recursos obtidos, será equiparado as próximas gerações com o arsenal tecnológico necessário para se adaptar a eventos climáticos cada vez mais austeros.

Além disso, o sentido de “ciclos naturais” também está associado aos fenômenos naturais de aquecimento (*El Niño*) e resfriamento (*La Niña*) das águas. Dessa forma, eles são usados para justificar que o aquecimento global é, por exemplo, um ciclo do *el niño*, ou seja, durará um determinado período e depois voltará “ao normal”: “A Terra nunca esquentou, mas sempre esfriou. [...] Ao verem a Terra esfriando, os corruptos mudaram o discurso: Sai aquecimento global. Entra mudanças climáticas...”. Quando “cíclico” se torna o ponto nodal, a mesma rede de significantes é reorganizada de forma que “eventos climáticos extremos” se tornam “algo que sempre aconteceu”.

A palavra “cíclico” cria uma cadeia de significados que altera toda a percepção do problema, pois se a mudança é cíclica, ela é natural. Se é natural, ela não é causada pelo homem (não é antropogênica). Se não é causada pelo homem, não há culpa (especialmente das indústrias de

³ É o termo dado a intervenções tecnológicas intencionais em larga escala no sistema climático da Terra para mitigar os efeitos das mudanças climáticas. Uma das conspirações mais comuns nos grupos do Telegram se diz respeito ao HAARP – um projeto científico norte-americano que visa estudar os fenômenos físicos que ocorrem nas camadas superiores da atmosfera –, que afirmam que ele é capaz de controlar placas tectônicas, temperatura atmosférica e até mesmo o nível de radiação que passa pela camada de ozônio.

combustíveis fósseis). Se é um ciclo natural, é inevitável e está fora do controle humano. Se está fora do controle, qualquer ação política é inútil, cara e uma interferência indevida na economia e na liberdade. Ou seja, o termo “cíclico” permite ao discurso negacionista parecer razoável e até científico, enquanto justifica a inação política. Ele neutraliza toda a urgência e a responsabilidade da “ameaça climática”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A disseminação do negacionismo climático se revela um fenômeno complexo e multifacetado, que vai além da simples falta de informação. Trata-se de um contra-movimento ideologicamente motivado que utiliza táticas de desinformação para criar uma falsa equivalência de argumentos no debate público. A arquitetura das plataformas digitais e a propaganda computacional amplificam essas narrativas, que foram potencializadas no Brasil em contextos políticos específicos, como o bolsonarismo. A evolução do discurso negacionista, que migrou da negação do fenômeno para o ataque às soluções e à credibilidade da ciência, demonstra sua capacidade de adaptação e reforça a urgência de analisar como esses discursos são articulados em ecossistemas digitais específicos.

Dessa forma, o *Telegram* se consolidou como um ambiente digital estratégico para a disseminação de discursos extremistas e conspiratórios. Sua arquitetura, que privilegia o anonimato e a mínima moderação de conteúdo, atraiu grupos que foram removidos de plataformas mais rigorosas, criando um ecossistema ideológico coeso e propício à radicalização. Por isso, a migração e a consolidação desses movimentos no aplicativo, especialmente após a pandemia de COVID-19, tornaram o *Telegram* um objeto de estudo necessário para compreender como narrativas de negação, incluindo a climática, são organizadas, difundidas e fortalecidas longe das vistas do público geral.

Diante desse contexto, a análise da construção discursiva no *Telegram* (Laclau; Mouffe, 2015), demonstra que o negacionismo climático se estrutura como uma totalidade significativa por meio de uma complexa prática articulatória. Ao estabelecer “Mudanças Climáticas” como o discurso oficial a ser combatido, os grupos criam uma fronteira antagônica clara. Essa oposição é organizada em torno do ponto nodal “Elite Globalista”, um significante que articula uma vasta cadeia de equivalências, unificando medos e insatisfações diversas contra um inimigo comum e monolítico.

Conceitos como “consenso científico” e “ciclos naturais” são ressignificados para servir a essa lógica, transformando evidências científicas em dogmas autoritários e fenômenos naturais na única causa das alterações do clima. É por meio dessa articulação que os sujeitos se identificam com uma

posição de portadores de uma “verdade oculta”, fortalecendo a coesão do grupo e a eficácia do discurso negacionista.

REFERÊNCIAS

AVAAZ. **Why is YouTube Broadcasting Climate Misinformation to Millions?** YouTube is driving its users to climate misinformation and the world’s most trusted brands are paying for it. Avaaz Report, 15 de janeiro de 2020. Disponível em: https://avaazimages.avaaz.org/youtube_climate_misinformation_report.pdf. Acesso em: 26 jun. 2025.

BENNETT, W. L.; LIVINGSTON, S. **The disinformation age**. Cambridge: Cambridge University Press, SSRC Anxieties of Democracy, 2020.

BJÖRNBERG, K. E.; KARLSSON, M.; GILEK, M.; HANSSON, S. O. Climate and environmental science denial: A review of the scientific literature published in 1990–2015. **Journal of Cleaner Production**, v. 167, pp. 229–241, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.jclepro.2017.08.066>. Acesso em: 20 jul. 2025.

BRADSHAW, S.; HOWARD, P. N. **Challenging Truth and Trust: A Global Inventory of Organized Social Media Manipulation**. Institute Oxford, 2018.

BROERSMA, M.; GRAHAM, T. Twitter as a news source: How Dutch and British newspapers used tweets in their news coverage, 2007–2011. **Journalism practice**, v. 7, n. 4, pp. 446-464, 2013. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/17512786.2013.802481>. Acesso em: 14 ago. 2024.

CAAD. Underperforming & Unprepared: how platforms have responded to the EU legislation for online safety so far? **Climate Action Against Disinformation**, 2024. Disponível em: <https://caad.info/wp-content/uploads/2024/04/CAAD-Underperforming-and-unprepared-report-3.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2024.

CAPSTICK, S. *et al.* International trends in public perceptions of climate change over the past quarter century. **WIREs Clim Change**, v. 6, pp. 35-61, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/wcc.321>. Acesso em: 10 ago. 2024.

CCDH. **The New Climate Denial: How social media platforms and content producers profit by spreading new forms of climate denial**. Center for Countering Digital Hate, 2024. Disponível em: <https://counterhate.com/research/new-climate-denial/>. Acesso em: 12 jun. 2025.

CESARINO, L. Dez teses (e três oportunidades) sobre a extrema direita no Brasil. In: BRITO, A. S. de; REIS, L. S. (Orgs.) **Direitas, radicalismos e as disputas pela linguagem de direitos no Brasil**. São Paulo: Fundação Friedrich Ebert, LAUT Centro de Análise da Liberdade e do Autoritarismo, 2024. p. 210-231.

CEYHAN, G. D.; SARIBAS, D. Research trends on climate communication in the post-truth era. **Educational and Developmental Psychologist**: pp. 1-12, 2021. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/20590776.2021.2001295>. Acesso em: 11 ago. 2024.

EDWARDS, G.; GELLERT, P. K.; FARUQUE, O.; HOCHSTETLER, K., *et al.* Climate obstruction in the Global South: Future research trajectories. **PLOS Climate**, v. 7, p. e0000241, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pclm.0000241>. Acesso em: 24 ago. 2025.

EUROPEAN COMMISSION. **Disinformation**: new actions from online platforms and extension of the monitoring programme. 03 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://digital-strategy.ec.europa.eu/en/news/disinformation-new-actions-onlineplatforms-and-extension-monitoring-programme>. Acesso em: 10 jul. 2025.

FRANTA, B. Weaponizing economics: Big oil, economic consultants, and climate policy delay. **Environmental Politics**, v. 31, n. 4, pp. 555–575, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09644016.2021.1947636>. Acesso em: 10 ago. 2025.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970/Michel Foucault. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. São Paulo: Forense Universitária/Grupo Gen, 2012.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade**: A vontade do saber (Vol. 1): A vontade de saber. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

GARRY, A.; WALTHER, S.; MOHAMED, R., *et al.* QAnon conspiracy theory: examining its evolution and mechanisms of radicalization. **Journal for Deradicalization Spring**, v. 26, pp. 152–216, 2021. Disponível em: <https://journals.sfu.ca/jd/index.php/jd/article/view/437/265>. Acesso em: 2 ago. 2025.

GOMES, S. R.; ZAMORA, M. H.. Negacionismo: definições, confusões epistêmicas e implicações éticas. **Ciência & Educação** (Bauru), v. 30, p. e24008, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1516-731320240008>. Acesso em: 15 out. 2025.

HEREDIA, E. La Teoría del discurso de Laclau y su aplicación al significante “la paz”. **Analecta política**, v. 6, n. 11, pp. 283- 303, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.18566/apolit.v6n11.a04>. Acesso em: 29 jul. 2025.

HOHLFELD, R.; BAUERFEIND, F.; BRAGLIA, I. *et al.* **Communicating COVID-19 against the Backdrop of Conspiracy Ideologies**: How Public Figures Discuss The Matter On Facebook and Telegram. Report. Germany: RatSWD, 2021. Disponível: <http://dx.doi.org/10.13140/RG.2.2.36822.78406>. Acesso em: 10 ago. 2025.

HORNSEY, M. J. *et al.* Meta-analyses of the determinants and outcomes of belief in climate change. **Nature climate change**, v. 6, p. 622-626, 2016. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/nclimate2943>. Acesso em: 14 ago. 2024

INTERNET MATTERS TEAM. **Stopping the spread of fake news on popular online platforms.** Internet Matters.org, 2020. Disponível em: <https://www.internetmatters.org/hub/news-blogs/stopping-the-spread-of-fake-news-on-popular-online-platforms/>. Acesso em: 10 ago. 2024.

KRAFFT, P. M.; DONOVAN, J. Disinformation by design: The use of evidence collages and platform filtering in a media manipulation campaign. **Political Communication**, v. 37, n. 2, pp. 194-214, 2020. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/10584609.2019.1686094>. Acesso em: 10 ago. 2024.

JACQUES, P. J. A General Theory of Climate Denial. **Global Environmental Politics** 2012, v. 12, n. 2, pp. 9–17. Disponível em: https://doi.org/10.1162/GLEP_a_00105. Acesso em: 13 jul. 2025.

KRAFFT, P. M.; DONOVAN, J. Disinformation by design: The use of evidence collages and platform filtering in a media manipulation campaign. **Political Communication**, v. 37, n. 2, p. 194-214, 2020. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/10584609.2019.1686094>. Acesso em: 10 ago. 2024.

LACLAU, E. **Emancipação e Diferença.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

LACLAU, E.; MOUFFE, C. **Hegemonia e Estratégia Socialista:** por uma Política Democrática Radical. São Paulo: Editora Intermeios, 2024.

LEWANDOWSKY, S. Climate change disinformation and how to combat it. **Annual Review of Public Health**, v. 42, n. 1, pp. 1–21, 2021.

MARLOW, T.; MILLER, S.; ROBERTS, J. T. Bots and online climate discourses: Twitter discourse on President Trump's announcement of U.S. withdrawal from the Paris agreement. **Climate Policy**, v. 21, n. 6, pp. 765–777, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14693062.2020.1870098>. Acesso em: 20 jul. 2025.

MASSON-DELMOTTE, V.; et al. (Orgs.). **Climate Change 2021: The Physical Science Basis: Contribution of WGI to the Sixth Assessment Report of the IPCC.** Cambridge: Cambridge University Press, 2021. Disponível em: https://www.ipcc.ch/report/ar6/wg1/downloads/report/IPCC_AR6_WGI_FrontMatter.pdf. Acesso em: 20 jul. 2025.

MCKINNON, C. Should we tolerate climate denial? **Midwest Studies in Philosophy**, v. 40, n. 1, pp. 205-216, 2016. Disponível em: <https://centaur.reading.ac.uk/65823/>. Acesso em: 10 jul. 2025.

MEDIMOREC, S.; PENNYCOOK, G. The language of denial: Text analysis reveals differences in language use between climate change proponents and skeptics. **Climatic Change**, v. 133, n. 4, pp. 597–605, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10584-015-1475-2>.

MENDONÇA, D. de. Como olhar “o político” a partir da teoria do discurso. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 1, p. 153–169, 2012. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbcp/article/view/1533>. Acesso em: 1 set. 2025.

MEYER, T.; ALAPHILIPPE, A.; PERSHAN, C. **The good, the bad and the ugly: how platforms are prioritizing some EU member states in their Covid-19 disinformation responses.** União Europeia, 2021. Disponível em: <https://www.disinfo.eu/publications/thegood-the-bad-and-the-ugly-how-platforms-are-prioritising-some-eu-member-states-intheir-covid-19-disinformation-responses/>. Acesso em: 12 ago. 2024.

MORENO, J. A.; KINN, M.; NARBERHAUS, M. A stronghold of climate change denialism in Germany: Case study of the output and press representation of the think tank EIKE. **International Journal of Communication**, v. 16, pp. 267–288, 2022. Disponível em: <https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/18345>. Acesso em: 21 jul. 2025.

OLIVEIRA, T. M. Como enfrentar a desinformação científica? Desafios sociais, políticos e jurídicos intensificados no contexto da pandemia. *Liinc em Revista*, v. 16, n. 2 p. e5374, 2020.

ORESQUES, N.; CONWAY, E. M. Defeating the merchants of doubt. **Nature**, v. 465, n. 7299, pp. 686–687, 2010. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/465686a>. Acesso em: 21 jul. 2025.

PARISER, E. **O filtro invisível: O que a internet está escondendo de você.** São Paulo: Zahar, 2012.

ROGERS, R. Deplatforming: Following extreme Internet celebrities to Telegram and alternative social media. **European Journal of Communication**, v. 35, n. 3, pp. 213-229, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0267323120922066>. Acesso em: 12 ago. 2024.

SANTINI, R. M.; BARROS, C. E. Negacionismo climático e desinformação online: uma revisão de escopo. *Liinc em Revista*, v. 18, n. 1, p. e5948, 2022. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/5948>. Acesso em: 11 ago. 2024.

SCHULZE, H., HOHNER, J., GREIPL, S., GIRGNHUBER, M., DESTA, I., & RIEGER, D. (2022). Far-right conspiracy groups on fringe platforms: a longitudinal analysis of radicalization dynamics on Telegram. **Convergence**, v. 28, n. 4, pp. 1103-1126. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/13548565221104977>. Acesso em: 11 ago. 2025.

STARBIRD, K. Disinformation's spread: bots, trolls and all of us. **Nature**, v. 571, n. 449, 2019. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/d41586-019-02235-x>. Acesso em: 12 ago. 2024.

TAYLOR-NEU, R. H. Parasites and post-truth climate. **Journal of Linguistic Anthropology**, v. 30, n. 1, pp. 4–26, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/jola.12257>. Acesso em: 21 jul. 2025.

VAN DIJCK, J.; DE WINKEL, T.; SCHÄFER, M. T. Deplatformization and the governance of the platform ecosystem. *New Media & Society*, 2021.

WATTS, D. J. **Small worlds: the dynamics of networks between order and randomness**, 9. Princeton: Princeton University Press, 2004.

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS DA PESQUISA:

Todo o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO:

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

CONTRIBUIÇÃO DAS/DOS AUTORES/AS:

Autora 1 – BARRETO, A. M. P.: conceitualização, curadoria de dados, análise formal, investigação, metodologia, visualização, escrita – rascunho original, revisão e edição.

Autora 2 – LEAL, A. F. P.: análise formal, escrita – revisão e edição.

Autor 3 – SOUZA, M. A. D. de: metodologia, análise formal, escrita – revisão e edição.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE:

As/os autoras/es declaram que não há conflito de interesses a mencionar.

MINIBIOGRAFIAS DOS/DAS AUTORAS DO PAPER

Alana Maria Passos Barreto é doutoranda em Sociologia e mestra em Direito pela Universidade Federal de Sergipe. Integra o Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Democracia (GEPDEM/CNPq). Autora da obra *Uma mentira bem contada: estratégias discursivas e desinformação nas eleições* (Telha, 2025).

Ana Flávia Pires Leal é mestranda em Sociologia e bacharela em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Sergipe. Integra o Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Democracia (GEPDEM/CNPq).

Marco Aurélio Dias de Souza é professor adjunto do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Sergipe. Coordena o Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Democracia (GEPDEM/CNPq).

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.